

Ucrânia

Só Putin pode

• Arquimandrita Cyril Hovorun, da Igreja Ortodoxa

O Arquimandrita Cyril Hovorun é professor de eclesiologia, relações internacionais e ecumenismo na Escola de Estudos Cristãos Orientais de Estocolmo e exerce as funções de director do Instituto Ecuménico Huffington, na Universidade Loyola Marymount, em Los Angeles.

Licenciado pela Academia Teológica de Kyiv, na Ucrânia, e pela Universidade Nacional de Atenas, concluiu o doutoramento na Universidade de Durham, no norte de Inglaterra.

Foi presidente do Departamento de Relações Externas da Igreja Ortodoxa Ucraniana, primeiro vice-presidente da Comissão de Educação da Igreja Ortodoxa Russa e, posteriormente, investigador nas universidades de Yale e Columbia, bem como professor convidado na Universidade de Münster, na Alemanha.

É bolseiro internacional no Centro Chester Ronning para o Estudo da Religião e da Vida Pública da Universidade de Alberta, no Canadá, professor convidado na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, e professor convidado no Instituto de Estudos Sino-Cristãos, em Hong Kong.

Numa recente visita a Moçambique, que ele chama de “peregrinação académica”, que consistiu num ciclo de palestras e aulas nas Universidades Eduardo Mondlane e Católica de Moçambique, o Arquimandrita, que equivale a Monge na Igreja Católica, concedeu uma entrevista ao SAVANA, abordando questões ligadas à Igreja Ortodoxa, que é dominante na Euroasia, e do seu próprio país, a Ucrânia, há quase cinco anos envolvido numa guerra violenta com a vizinha Rússia. Seguem excertos da entrevista com Fernando Gonçalves do SAVANA:

Pelo seu resumo, nota-se que tem uma longa e distinta carreira académica e eclesiástica dentro da Igreja Ortodoxa. Como descreveria a situação actual da Igreja na região da Euroasia?

Como deve saber, durante a época da União Soviética e na Europa de Leste, incluindo a Ucrânia, a religião era praticamente proibida. Isso afectou bastante aqueles territórios. Só para ilustrar, eu cresci

numa família comunista; o meu pai era comunista, o meu avô fazia parte do topo da hierarquia militar soviética e toda a minha família era comunista. Sou o primeiro da minha família que se tornou crente em Deus e tive, de facto, muitas dificuldades, por exemplo, para encontrar um exemplar da Bíblia.

Nasceu na Ucrânia, durante o tempo da União Soviética, e crescendo nesta sociedade onde a religião era proibida, como, e o que lhe motivou a fazer estudos religiosos?

Nasci na época soviética e fui membro da organização dos pioneiros e da Konsomol (Liga Comunista Leninista da Juventude). A minha primeira formação académica foi em Física Nuclear e, depois, decidi avançar para a metafísica, porque acreditei que Deus pode trabalhar em qualquer lugar, mesmo no ambiente ateuista mais difícil, e é por isso que a ideologia comunista não é capaz de se impor perante Deus.

Com o início da guerra, em 2022, a Igreja Ortodoxa Russa separou-se e a sua componente na Ucrânia se tornou independente.

Qual terá sido o impacto dessa separação para os crentes, tendo em conta que a Igreja Ortodoxa Russa é praticamente a religião oficial em grande parte do leste europeu?

De facto, éramos uma única Igreja, e não é que a Igreja russa fosse mãe da Igreja na Ucrânia. É precisamente o contrário, porque a Igreja na Ucrânia era mãe da Igreja russa, e agora é a filha que tenta expulsar a mãe de casa e agredi-la até à morte. A Rússia começou a instrumentalizar a religião, o que é comum: acontece em muitos lugares, quando os políticos instrumentalizam a religião. Mas a Rússia começou a instrumentalizar a religião por causa da guerra. De facto, de instrumento, a religião tornou-se uma arma de guerra, e isso era intolerável para nós. Foi assim que a Ucrânia iniciou este processo de separação da Igreja Ortodoxa Russa. Hoje, a Igreja Ortodoxa Ucraniana é reconhecida como independente. É uma separação que aumenta a distância em relação a Moscovo, mas não foi um rompimento total.

O que é que, na prática, mudou em termos das relações com o segmento mais amplo da Igreja

Ortodoxa, que, segundo a História, existe mesmo antes do Estado? Refiro-me às leis, às práticas, aos rituais, às hierarquias e à linguagem da Igreja. A cisão foi oficialmente reconhecida?

Na época soviética, existia uma única Igreja para a Ucrânia, a Bielorrússia e as outras repúblicas da União Soviética, mas o número de líderes e crentes ucranianos era superior ao do lado russo, apesar de a designação ser Igreja Ortodoxa Russa. Há uma aneddotica

está em guerra contra a Ucrânia.

Isto, infelizmente, cria uma situação de relações muito tensas



segundo a qual o Patriarca Pimen, na altura, perguntou uma vez ao seu chanceler, que era ucraniano, se era verdade que todos os padres da Igreja em Moscovo eram ucranianos, ao que este respondeu: “É uma mentira total, porque existe um que é bielorrusso”. É verdade, porque a Ucrânia não estava tão secularizada. A Ucrânia disponibilizava quadros - padres, seminaristas e monges - para toda a União Soviética, e é por isso que podemos dizer que a Igreja era maioritariamente ucraniana durante a época soviética. Só depois do desmantelamento da União Soviética é que a Igreja começou a crescer na Rússia, mas ainda não é maior do que a Igreja na Ucrânia. Será que a separação já foi reconhecida pelo Patriarca de Moscovo?

O Patriarcado de Moscovo nunca reconheceu a independência da Igreja, porque, na sua visão, isso significaria ter de reconhecer a independência da Ucrânia, o que, na actual situação, não querem fazer, pois, pelo contrário, lutam contra a independência da Ucrânia. Entretanto, a Ucrânia não pode aceitar a dependência da sua Igreja em relação à Rússia, porque esta

entre as duas Igrejas ucranianas. Acredito que este é um erro das Igrejas ucranianas, que lutam entre si, quando, na verdade, precisavam de trabalhar juntas.

Parece haver uma tendência comum, ao nível de várias instituições e de sectores da Rússia, de negar que a Ucrânia é um Estado independente e soberano. Como se explica isso?

É uma questão 100% política, porque se você reconhece a independência da Igreja, então você deve reconhecer a total independência do país.

Sim, mas se o país é independente desde 1991, quando as várias repúblicas soviéticas assumiram (ou reassumiram) a sua independência, e há acordos com validade internacional assinados nesse sentido, qual é a razão de resistir reconhecer essa independência?

A Rússia foi capaz de reconhecer a independência da Ucrânia até 2022, mas depois decidiu que a Ucrânia não podia mais ser independente. Eu descreveria este fenómeno em termos pós-coloniais, que são semelhantes ao que aconteceu a Moçambique. Imagine Moçambique, depois da sua independência, a tentar construir-se

como Estado, desenvolver a sua própria economia e identidade, enquanto, do outro lado, estão a África do Sul do regime do apartheid e a União Soviética, ambas tentando estabelecer as suas próprias esferas de influência. Na altura, a África do Sul reconheceu formalmente a independência de Moçambique, mas queria tornar Moçambique mais próximo e dependente dela. Quando Moçambique resistiu e procurou ser mais assertivo quanto à sua independência, o regime do apartheid lançou uma guerra por procuração, rebentando infra-estruturas, destruindo escolas, matando civis e semeando o caos. O objectivo era provar que Moçambique era um Estado falhado, que não conseguia viver como um Estado independente sem a África do Sul. É exactamente isso que a Rússia está a tentar fazer: provar que a Ucrânia é um Estado falhado, que não pode viver sem a Rússia.

Queremos ser nós mesmos

A separação tem sido geralmente vista como parte dos esforços da Ucrânia de reafirmar a sua independência e soberania. Mas ela também foi uma mudança civilizacional, em que o país procura ter um alinhamento mais próximo com o ocidente. A questão é, porque é que a Ucrânia procura com muito esforço distanciar-se do seu próprio passado?

Primeiro, a ideia de que a Ucrânia quer ser parte do Ocidente é muito russa. Porque o que nós queremos é sermos parte do mundo livre. Queremos ter relações com o Sul Global, tanto quanto pretendemos ter relações com o Ocidente. A coisa mais importante é que queremos ser nós mesmos; queremos ser independentes, livres e em paz. E, claro, para a garantia da independência e da paz, a integração com a infra-estrutura ocidental pode ajudar. A questão não é tornarmo-nos uma nova dependência colonial dos Estados Unidos ou do Ocidente, mas sim tornarmo-nos totalmente independentes, através da colaboração com o Ocidente e o Sul Global.

A Rússia quer que a Ucrânia seja parte da Rússia. E é por isso que inventaram este conceito de um conflito civilizacional, que, na sua essência, é defendido por pensadores e historiadores como (Arnold) Toynbee e, especialmente, Samuel Huntington, que falam sobre o confronto de civiliza-

Parar a guerra

A minha visita é eminentemente académica

Moçambique não tem as mesmas tradições religiosas, pelo que a sua visita aqui pode ser uma surpresa. O que lhe motiva a visitar Moçambique?

A minha visita é eminentemente académica. Eu ensino nas universidades e tive a oportunidade de leccionar na Universidade Eduardo Mondlane. Ontem (6 de Outubro), dei uma aula na Universidade Católica de Moçambique. Tento explicar a Ucrânia na época pós-colonial aos académicos locais, aos estudantes e aos membros das faculdades. Espero ser capaz também de explicar melhor Moçambique na Ucrânia, porque havia muitos ucranianos que trabalhavam aqui desde os tempos da União Soviética e, de facto, alguns ainda trabalham aqui e ajudaram a construir a Universidade onde estive hoje, por exemplo. Há também relações académicas entre Moçambique e a Ucrânia, porque tivemos alguns estudantes moçambicanos na Ucrânia. De facto, havia mais estudantes africanos na Ucrânia e nas outras repúblicas soviéticas do que na Rússia, porque essa era a política.

Que mensagem transmitiu aos seus estudantes e outros académicos com quem interagiu? Uma das mensagens é que eu estou aqui não tanto para ensinar como para aprender, e a lição mais valiosa que consegui tirar é como tornar a paz sustentável, porque nós, na Ucrânia, percebemos que a paz não é algo que é dado; a guerra é dada, mas a paz é algo que precisa de ser conquistado, pelo que é preciso trabalhar muito para tornar a paz sustentável. De uma forma muito difícil, vocês aqui, em Moçambique, aprenderam que a paz é um tesouro em torno do qual se deve lutar todos os dias.

E qual tem sido a resposta dos moçambicanos nas conversas que tem travado? Muito positiva. Há um paralelo entre o que está a acontecer na Ucrânia e o que aconteceu no passado aqui em Moçambique. Por exemplo, a guerra em Moçambique foi inspirada pelo

regime do apartheid, que queria subjugar Moçambique através do caos, matando civis e destruindo escolas, hospitais, etc. É exactamente isso que a Rússia está a tentar fazer agora na Ucrânia. Este paralelo foi aceite pelos estudantes, porque compreenderam as semelhanças. **Depois de tudo o que a Rússia disse que eram os motivos para esta guerra, nomeadamente impedir a Ucrânia de ser membro da NATO e de acabar com os neonazis, ultimamente a sua mensagem tornou-se mais clara sobre os objectivos fundamentais da guerra, quando diz que a Ucrânia deve entregar a parte do seu território leste que ainda não está ocupado, como condição para o fim da guerra. Por que é que a Ucrânia, em troca da paz, simplesmente não aceita essa exigência?**

O que o presidente Putin disse é que, se a Ucrânia ceder, ele iria começar a considerar a possibilidade de parar a guerra. Já tivemos uma experiência e, *de facto*, nós entregámos a Crimeia; não lutámos quando, em 2014, a Rússia unilateralmente ocupou a Crimeia e, mesmo assim, não conseguimos impedir a invasão em larga escala, em 2022. A Crimeia tornou-se uma base para a guerra contra o resto da Ucrânia. Então, temos medo de que o Donbass se torne também numa nova base para dar continuidade à guerra. Tive a oportunidade de dizer aos estudantes na universidade, aqui em Maputo, que se imaginassem a ter uma conversa muito sincera, sem propaganda, face a face com Putin, e lhe perguntassem porque é que ele começou esta guerra. Acredito que ele próprio não seria capaz de responder a esta questão. Ele não pode dizer isso publicamente, mas está arrependido de ter começado esta guerra. Podemos ver isso pela maneira como ele está constantemente a mudar a narrativa sobre as razões que o levaram a iniciar a guerra. Se alguém quiser fazer uma análise de todas as explicações que ele já deu sobre a guerra, há-de perceber o quão inconsistente ele tem sido. É por isso que, para

nós, a única forma de terminar a guerra é fazer com que a Rússia não só não queira ter guerra, mas também não seja capaz de voltar a fazer guerra.

Acredita mesmo que ele pode estar arrependido? Porque se estivesse arrependido, ele mandava parar a guerra. O que leva a pensar assim?

Não, esse é o ponto. Ele está arrependido, mas não quer parar. **Então, a guerra vai continuar indefinidamente?**

Se tivesse sabido, em 2022, o que iria acontecer em 2026, ele não teria começado a guerra.

E o que é isso que ele não sabia em 2022?

Ele acreditava que iria ganhar a guerra em três dias. Ele não calculou bem sobre qual seria a resposta da Ucrânia.

Então, estará a dizer que o presidente Putin iniciou uma guerra da qual está arrependido, mas da qual também já não tem saída, e como tal ele vai preferir continuar, independentemente das consequências? O que é que a Ucrânia faria para lhe dar uma oportunidade de declarar vitória e terminar a guerra?

Houve muitas oportunidades, momentos quando o mundo lhe abriu a porta, com o nosso consentimento. Não concordamos com tudo o que lhe foi oferecido, mas aceitamos algumas coisas.

Tais como?

Concordamos, por exemplo, com o congelamento da guerra, um cessar-fogo, deixarmos de bombardear as infra-estruturas de cada lado; se quiser continuar com a guerra na linha da frente, poderá fazê-lo, mas pelo menos parar de matar pessoas inocentes nas cidades, vilas e aldeias. Ele não aceita. Algumas sugestões vieram do presidente Trump. Não gostamos delas, mas, mesmo assim, o presidente Putin não aceitou nada, de quem quer que fosse. O seu único objectivo é ganhar tudo, destruir-nos por completo. A sua guerra é basicamente contra a nossa identidade; no momento em que decidirmos que concordamos que não somos ucranianos, mas russos, ele aí talvez pare com a

guerra, nos conquiste, e temos o receio de que ele volte a fazer o que Stalin fez quando os ucranianos se renderam em 1921. Stalin provocou uma fome artificial generalizada (Holodomor) que causou a morte de 8 milhões de ucranianos. A Ucrânia tinha o seu próprio Estado até 1921, mas depois foi alvo de conquista e rendeu-se perante os comunistas. E Stalin, não suficientemente satisfeito com isso, provocou uma fome em massa.

E por que é que o Presidente Putin estaria tão obcecado em conquistar aquela parte do território da Ucrânia, ao ponto de estar disposto a sacrificar a economia do seu próprio país, à morte de centenas de milhares de soldados e a sofrer as mais duras sanções internacionais?

Certamente que ele não é racional e não funciona com lógica, porque a lógica é contra a guerra. A guerra é até contra os próprios interesses da Rússia. Mas acredito que é uma espécie de ideias grandiosas que ele tem, porque vem de uma base social muito modesta. Penso que estas ideias lhe foram inspiradas por gente como o Patriarca Kirill (de Moscovo), que pessoalmente conheci muito bem. Kirill tem grandes horizontes; acredita que a Rússia tem uma missão especial de Deus. Este é um pensamento messiânico que julgo ser muito semelhante ao dos boers que promoveram o apartheid, porque também acreditavam que eram um povo escolhido de Deus. Tiveram o seu êxodo do Cabo para o Transval, tal como os judeus do Egipto para a Terra Santa, e acreditavam ter a missão de levar a civilização e de se sobreporem aos negros.

Com todos estes ingredientes, como é que esta guerra vai terminar?

Nós estamos preparados, já demos muito do que tínhamos para dar, mas Putin ainda não está preparado para dar seja o que for. A guerra só terminará quando uma pessoa decidir que ela deve parar, e essa pessoa chama-se Vladimir Putin.

ções. É uma ideia muito favorita de (Vladimir) Putin e do Patriarca Kirill. Eles acreditam que há grandes civilizações, que são maiores do que as nações, e que, porque são grandes, têm o direito de criar esferas de influência. E é assim que a Rússia se projecta: não apenas como um Estado, mas também como um centro de gravidade, e que a Ucrânia deve estar na órbita da Rússia. Chamam a isso o mundo russo.

A ideia de civilização é maior do que o conceito de nação, mas é o mesmo nacionalismo exclusivista. Portanto, de um lado, a Rússia condena o nacionalismo num sentido muito estreito do termo, mas promove um tipo de nacionalismo civilizacional, que é maior do que a nação, e é por isso que as suas políticas são nacionalistas, e nós acreditamos, exactamente como a África do Sul do apartheid encarava a África Austral nos termos de uma “constelação de Estados” por ela dominada.

Com tudo isso, como é que conseguem separar a Igreja da política, ou será que na vossa parte do mundo a Igreja é parte integrante do Estado?

Na tradição católica, geralmente, a Igreja está separada do Estado; o Bispo de Roma, que é o Papa, é também um Chefe de Estado. Na Idade Média, ele estava acima de qualquer Estado, e o seu poder era superior ao poder dos reis. Actualmente, o seu poder é equivalente ao dos monarcas; de qualquer modo, o Papa é um monarca.

Na Ucrânia, como parte da civilização ortodoxa, temos a ideia de sinfonia, o que significa a estreita colaboração entre a Igreja e o Estado. Contudo, a nossa Constituição impõe categoricamente a separação da Igreja do Estado. As Igrejas devem colaborar entre elas e com outros grupos religiosos. É por isso que temos uma excelente colaboração com muçulmanos, ortodoxos, católicos e judeus. O inimigo comum une pessoas de diferentes grupos religiosos.

É por isso que as nossas relações entre diferentes grupos religiosos são ideais na Ucrânia. Não consigo ver a mesma harmonia no Ocidente. Por exemplo, na Ucrânia, conseguimos evitar duas coisas más que acontecem no Ocidente: a islamofobia da extrema-direita e o anti-semitismo de esquerda.